

OPINIÃO



JOSEPH E. STIGLITZ

Prémio Nobel de Economia, professor de Economia na Universidade de Columbia e vice-presidente do Banco Mundial

Humanizar a globalização

Os apologistas da globalização estão certos quando dizem que esta tem potencial para melhorar as condições de vida da população mundial. Ora não é isso que tem acontecido.

Tenho escrito recorrentemente sobre os problemas da globalização, que se podem resumir a um regime de comércio global que constitui, na prática, um obstáculo ao desenvolvimento; a um sistema financeiro global instável que provoca sucessivas crises, sobrecarregando os países mais pobres com uma dívida externa insustentável; e a um regime de propriedade intelectual que veda o acesso a medicamentos mais baratos que poderiam salvar vidas - mesmo quando o mundo desenvolvido vive a braços com uma calamidade chamada Sida.

Também tenho escrito amiúde sobre as anomalias da globalização: o dinheiro deve circular dos países ricos para os países pobres, todavia, nos últimos anos, o fluxo tem sido no sentido contrário. E apesar dos primeiros terem meios para enfrentar o risco de flutuações nas taxas de juro e de câmbio, são os segundos que acabam por suportar o fardo desta volatilidade.

O facto de criticar alto e bom som os problemas inerentes à globalização levou muita gente a concluir - precipitada e erradamente - que faço parte do movimento anti-globalização. Pelo contrário, estou convicto de que a globalização tem grande potencial, desde que bem orquestrada.

Foi há cerca de 70 anos que John Maynard Keynes desenvolveu, em plena Grande Depressão, a sua teoria do desemprego, na qual explicou as medidas que o governo deveria tomar para retomar o caminho do pleno emprego. Os conservadores acusaram-no de detracor, é certo, mas Keynes fez mais para salvar o sistema capitalista da ruína do que todos os investidores pró-mercado juntos. Se a tese dos

conservadores tivesse vingado, a Grande Depressão teria tido consequências muito mais dramáticas e obrigaria a encontrar uma alternativa ao capitalismo.

A globalização obedece à mesma lógica, ou seja, se não tentarmos solucionar os problemas que dela advêm, corremos o risco de "andar para trás".

Os apologistas da globalização estão certos quando dizem que esta tem potencial para melhorar as condições de vida da população mundial. Ora, não é isso que tem acontecido. As questões levantadas pelos jovens franceses à procura do primeiro emprego - que não percebem como podem beneficiar da globalização quando são obrigados a aceitar salários mais baixos e menos protecção social - não podem continuar a ser ignoradas. Como também não podemos continuar a responder a essas perguntas invocando a esperança de, um dia, todos dela virmos a beneficiar. Citando Keynes, a longo prazo, estaremos todos mortos.

Uma das consequências da globalização, há muito prevista mas pouco falada, é o crescimento desigual nos países desenvolvidos. A integração económica, para ser plena, obriga ao nivelamento internacional dos salários dos trabalhadores não especializados. E embora estejamos longe de alcançar esta "meta", a pressão para o nivelamento por baixo é cada vez mais evidente.

As mudanças tecnológicas nos últimos 30 anos contribuíram para a estagnação dos salários reais no referido segmento laboral tanto nos EUA como noutros países, e reduziram a margem de manobra dos cidadãos. Mas no que concerne à globalização, têm margem para agir.

A teoria económica não diz que todos vão tirar partido da globalização. Diz apenas que os ganhos líquidos serão positivos e que os "vencedores" poderão compensar os "vencidos" e ficar, mesmo assim, em vantagem. A facção conservadora alega que para manter a compe-

titividade num mundo global é preciso reduzir a carga fiscal e a segurança social. É este o actual sistema em vigor nos EUA, onde os impostos deixaram de ser progressivos e as reduções fiscais passaram a ser canalizadas para os vencedores, isto é, para aqueles que beneficiam da globalização e das mudanças tecnológicas. Resultado? Os EUA e todos os que seguiram o seu exemplo estão a transformar-se em países ricos com cidadãos pobres.

Os países escandinavos mostraram, contudo, que há outro caminho. Claro que tanto o sector público como o sector privado devem primar pela eficiência. O investimento na educação e na investigação e um sistema de Segurança Social robusto podem reforçar a produtividade e a competitividade da economia, proporcionando maior segurança e melhores padrões de vida para todos. Um sistema social

Temos de tomar em mãos este processo e humanizá-lo para que a globalização possa fazer jus a todo o seu potencial, criando melhores condições de vida para a população mundial.

O mundo precisa hoje, mais do que nunca, de organizações internacionais como o FMI, o Banco Mundial e a OMC, apesar de muitas vezes se duvidar da sua eficácia.

forte e uma economia próxima do pleno emprego são essenciais para criar um ambiente favorável, para que os accionistas - trabalhadores, investidores e empresários - aceitem os riscos inerentes à criação de novas empresas e investimentos.

O problema é que a globalização económica já ultrapassou a globalização política e de mentalidades. Tornámo-nos mais interdependentes, todavia, não dispomos de um enquadramento institucional que nos permita actuar em conjunto de forma eficaz e democrática.

O mundo precisa hoje, mais do que nunca, de organizações internacionais como o FMI, o Banco Mundial e a OMC, apesar de muitas vezes se duvidar da sua eficácia. O desdém dos EUA, a única superpotência mundial, pelas instituições supranacionais é evidente e tudo têm feito para reduzir o seu poder e influência. O fiasco da ronda de Doha e a dificuldade que o Conselho de Segurança da ONU demonstrou em exigir um cessar-fogo no Líbano são apenas dois dos exemplos mais recentes, a prova de quanto os EUA desprezam todo o tipo de iniciativa multilateral.

Se é verdade que a globalização carece de legitimidade popular, também é verdade que isso pode mudar. Melhor, ficou claro que vai mudar. Resta saber se a mudança vai resultar de uma crise ou de um debate democrático ponderado. No primeiro caso, corremos o risco de entrar em rota de colisão com a globalização ou de a moldarmos, preparando o terreno para novos problemas a médio ou longo prazo. No segundo, temos de tomar em mãos este processo e humanizá-lo para que a globalização possa fazer jus a todo o seu potencial, criando melhores condições de vida para a população mundial. ■

O presente artigo foi distribuído, em exclusivo para Portugal, pelo Project Syndicate

Tradução Ana Pina